

# REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL

*Abílio da Cruz Madeira*

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA

*R. do Norte, 91 — LISBOA*

## EXPEDIENTE

A acceitação do presente numero da REVISTA DE CABO VERDE equivale à acceitação da assignatura para o 2.º semestre.

## ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

### PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno.....	1\$200
Semestre.....	700
Numero avulso.....	50

### CABO VERDE E OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno.....	2\$500
Semestre.....	1\$400
Numero avulso.....	120

## ANNUNCIOS

Contracto especial

## A LEPROSA EM CABO VERDE

Propositalmente ou não, até 1896, época em que um acaso fez chamar a atenção da junta de saúde para a existencia da lepra em Santo Antão, nenhuns reparos officiaes tinha merecido esta doença na provincia.

Assim mesmo poucos houve; e, evidentemente, não seria porque, se desconhecemos os perigos a que pôde expôr, em circumstancias faceis de realisar, toda a população do archipelago.

Ao entrar no dominio publico este facto, cuja importancia ninguem contesta para a saúde publica, e perturbada d'este modo a paz e socego de consciencia de nada fazer, deram informações os facultativos espalhados pelas ilhas, e deveria ter-se chegado a concluir que a lepra existe no archipelago inteiro, consignada a excepção para a ilha do Sal, que se conserva indemne.

Todavia, por condições especiaes certamente, e que só aos profissionaes pertencerá discriminar, a ilha de Santo Antão é de todas a menos poupada, e aquella em que a transmissão directa de individuo para individuo, sendo frequente, está pela observação averiguada, o que equivale a dizer que este centro leproso não só constitue um perigo interno, mas pelas communicacões repetidas com S. Vicente, poderá transformar esta em centro secundario, pelos viveres de natureza e procedencia varias, que diariamente lhe envia.

Crêmos digno de toda a consideração o que acabamos de dizer, porque se em verdade o numero de doentes em S. Vicente é limitadissimo actualmente, e não se eleva a mais de quatro ou cinco, em prazo relativamente proximo poderá elle augmentar, se nehumas providencias de caracter definitivo forem adoptadas, e á vontade, no indiscutivel movimento invasor, a doença continuar a alastrar-se.

Não percamos de vista que a ilha de Santo Antão é

uma das mais productivas e ricas do archipelago e que S. Vicente é o principal porto da provincia, e que se foi um desprendimento pela vida d'outrem e pelo interesse commum, que permittiu a entrada e desenvolvimento d'esta doença na Abyssinia, no Senegal, na Algeria, no Bokharo, em Ceylão, em Madagascar, em Santa Helena, nos Açores, nas Mauricias, no Brazil, em Java, etc., a época corrente não consentiria que desmaseladamente, sem um conselho de hygiene, sem uma medida de resultados experimentados, se abandonasse ao acaso o destino d'uma das promettedoras colonias da corôa portugueza.

Sim, — porque Cabo Verde tem o futuro que lhe garante a sua situação geographica e o que lhe assegurará uma administração sagaz e intelligente.

Familias inteiras têm desaparecido em Santo Antão, victimadas pela lepra, e entre as povoações hoje contaminadas, Alto-Mira, Figueiral, Carvoeiros, Ribeira Grande, Ribeira do Jorge, Ribeira da Cruz, Ribeira dos Patos, Garça, Matto Estreito, Cocculi, Figueirinha do Norte, etc., algumas outras já affectadas, acarretando toda a hediondez do mal, e soffrendo o constrangimento moral, intuitivo pelo perigo a que conhecem talvez expôr os que as cercam, em breve cahirão tambem.

Mal se comprehende como augmentando os riscos de transmissão, quer directa, quer por elementos intermediarios, proporcionalmente á densidade da população e ao numero de atacados, o que é racional, e sendo a ilha de Santo Antão aquella em que os habitantes mais rapidamente se têm multiplicado, até agora nada se tenha feito com o fim, além de humanitario e social, d'evitar a propagação, embora lenta, mas sempre verdadeira, d'uma tal molestia.

É certo que na provincia a saúde publica, mercê de causas estranhas, tem sido votada ao abandono, e quando na Europa, na America, em toda a parte, emfim, onde se pensa e pesa o valor d'uma vida, se luta, se fazem sacrificios de toda a casta para se eliminarem das estatisticas necrographicas flagellos temiveis, como a tuberculose e toda a caterva de doenças contagiosas, aqui n'um marasmo inqualificavel, mas que a ignorancia attenta e a intenção agrava, nada se tem feito, quando a necessidade é urgentissima, pois que a mortalidade pela physica é verdadeiramente assombrosa no archipelago.

Porque é contra estas doenças que a hygiene tudo pôde, e porque os interesses da provincia o exigem, é que, ao chamarmos a atenção publica para estes factos, não nos escusamos a pedir as providencias que instantemente reclamam.

## AOS NOSSOS COLLABORADORES

Por falta de espaço temos deixado de publicar muitos artigos de alguns dos nossos estimaveis e obsequiosos collaboradores, do que pedimos nos desculpem.

Logo que nos seja possivel, fal-o-hemos.

## A MUDANÇA DA CAPITAL

Discutimos factos, não discutimos individualidades. Bons ou maus, apresentamos argumentos, attingindo cousas sem visar pessoas.

A discussão séria, cordata, decente mesmo, tem de cingir-se a esse campo; tudo o que d'elle se afastar vae calir no ridiculo, servindo apenas de gaudío aos apreciadores de escandalos.

Nem as discussões azedas, descambando para o pugilato na imprensa, estão na indole d'este jornal, nem ellas aproveitariam á questão que se pretende esclarecer.

D'esta mesma opinião é o digno director d'esta *Revista*, condemnando o *systema de se alvejar o homem e não a ideia*, o que não impediu ainda assim, que, no n.º 8, se afastassem d'esta norma de proceder.

Ali, um dos nossos adversarios, não refutando os argumentos que apresentamos, investe contra nós em ineclivias, perdendo a linha que deve conservar todo o escriptor cortez.

Não o seguiremos no seu caminho.

E' velho sestro nos jornaes ultramarinos, lançarem-se os contendores, á falta de melhores argumentos, no campo da verrina, a desnortear assim a opinião e a desviar do campo da discussão o fim principal a que se visa. Esse *systema sui generis*, tem sido a causa ephemera da existencia dos jornaes em Cabo Verde.

Não seguiremos, repetimos, o caminho encetado pelo nosso adversario, a não ser — é claro — que a *Revista*, afastando-se do seu programma, admitta esse novo genero de discussão.

Até lá continuaremos, serena, placida e desapassionadamente, a combater uma ideia que não julgamos de vantagem para a provincia.

\* \* \*

Introduzir elementos de prosperidade e progresso

---

### FOLHETIM

## AMORES D'UMA CREÔLA

POR  
ANTONIO DE ARTEAGA

O batuque

Proximo á casa de Thomé da Veiga havia um *batuque*, bastante animado e muito concorrido pelos habitantes da localidade e visinhanças.

A viola d'arame tangia uns sons agudos, abafados muitas vezes pelas vozes e pelo rumor das palmas, acompanhamento indispensavel n'estas festas populares. Os copos passando de mão em mão, com rapidez exgottavam um garrafão de aguardente que diminuia a olhos vistos.

O *batuque* anima-se; as violas, depois de prolongada afinação, entram n'um compasso proprio ao acompanhamento do descante, em que vão tomar parte os principaes versistas; os pannos collocam-se entre os joelhos e os braços levantam-se a um tempo. O *batuque* entra na sua phase aguda.

Linda Maria  
tu és rainha!  
Linda Maria  
tu és só minha!

N'este momento appareceu no grupo Thomé da Veiga

em todos os centros de população e trabalho é, não só promover o engrandecimento e riqueza da localidade, como o de todo o paiz.

Retiral-os por conveniencias que não assentem em reconhecidas bases, que influam na riqueza publica, é incoherente e seria um principio anarchico a que nenhum governo se prestaria.

A escolha da ilha onde deveria assentar a capital de Cabo Verde, foi maduramente estudada e reflectida, e recahiu, como se vê, na que podia, com maior desafogo, dispôr de elementos mais que bastantes para gosar de vida propria, sem dependencia de auxilio extranho.

E effectivamente S. Thiago tem vida propria, vida natural, que pôde alterar-se com as crises alimenticias, que pôde modificar-se com a mudança das culturas, mas que não se extingue; ao passo que S. Vicente tem uma vida artificial, de que por vezes se sente com a derivação da navegação para as Canarias, e que á mais pequena transformação na locomoção dos navios, tendente a substituir o carvão de pedra, morrerá e se reduzirá, em pouco tempo, a um montão de ruinas, ficando em peores condições que as suas irmãs salineiras, porque estas, ainda que depreciadas, têm a sua industria propria.

A riqueza natural da ilha de S. Thiago, é a que está no seu solo, na sua industria e no seu commercio, que se estende a toda a ilha, a todo o archipelago, até á propria ilha de S. Vicente, onde tem casas filiaes.

A riqueza artificial de S. Vicente, que pôde desaparecer de um para outro momento, é a da sua navegação oscillante; e dizemos oscillante porque, dando-nos a média, de 1880 a 1896, o numero de 1.063 navios de vapor por anno, em 1886 foi a entrada de vapores representada por 768, em 1891 por 994, em 1892 por 946 e em 1894 por 871, tendo regulado, de 1880 a 1885, entre 700 a 900.

Não se funda n'uma hypothese o argumento de que a importancia de S. Vicente desapareceria se os navios deixassem de carecer de carvão como combustivel,

---

com sua filha, seguidos de Manuel Gomes e seu filho Thimoteo.

— Alegria, rapazes, alegria exclamou Thomé. Sinto-me hoje com vinte annos de menos. A visita do meu amigo Gomes e seu filho é para mim de grande satisfação. Divirtam-se.

— Thomé, dizia Gomes, espero que não faltes no proximo domingo ao baile que dou em minha casa; e, até lá, seria bom que fosses dispondo o animo de tua filha para a proposta do seu casamento.

— Não faltarei mas receio muito de Maria. Já lhe falei n'isso e ella não recebeu bem os meus conselhos. Chegou mesmo a dizer-me que não gostava de Thimoteo. Desconfio que o seu coração já pertence a outro.

— Pois tu não sabes quem é o pretendente á mão de tua filha?

— Não.

— É esse extravagante Frederico de Mello.

— Que dizes Manuel? Pois será crível que minha filha queira envenenar os restos da minha existencia? Nunca! Nunca consentirei em semelhante enlace!

— Evitas esse casamento, é certo, mas não poderás obrigar Maria a casar com Thimoteo.

— Vamos até casa. Deixemos teu filho com Maria entretidos a vêr o *batuque*, para que mais livremente possam fallar.

O *batuque* anima-se cada vez mais. Cantavam então:

porque a descoberta da sua substituição está feita e só resta applical-a ás grandes machinas.

Trabalha-se para esse fim e, de um para outro dia, o que se julga uma hypothese será uma realidade.

E não está muito longe de succeder isso, em vista da recente descoberta de Mr. Charles Tripler, da liquifacção do ar atmosphérico, applicado como força motriz

Diz o *Standart*, jornal inglez, sobre a descoberta:

«Mr. Charles Tripler, um chimico distincto, reduz o ar a um liquido claro e brilhante, que congela o alcohol puro e queima o aço como se fôra papel.

Colocado o ar liquido dentro de um pequeno motor, alguns segundos depois começa o pistão a trabalhar vigorosamente e a mover a roda volante, como debaixo da acção de uma enorme pressão de vapor.

O pequeno motor collocado no meio do laboratorio, marchava sem força motriz apparente, sem ruido, sem calor e sem fumo.

Espera Mr. Tripler, com mais aturado estudo, substituir o carvão e a pólvora com o ar liquido, o qual se obtem já com facilidade ao custo de 180 réis o galão, e que conta reduzir ainda a muito menor preço.

Que revolução nos espera, quando se construa e entregue á industria uma machina que produza ar liquido a preço muito reduzido?

A locomovel sem caldeiras, tomará constantemente em viagem o ar, a força que a fará andar; os navios navegarão sem receio da falta de combustivel e sem o pezo do carvão.»

Diz um dos nossos adversarios que um terremoto, um bombardeamento, um incendio, podia ser, em hypothese, a causa do aniquilamento da Praia, como para S. Vicente a substituição do carvão como combustivel para a navegação a vapor, seria um aniquilamento transitorio.

Lisboa, em 1755, foi destruida por um terremoto, a que se seguiu o incendio e a pilhagem e resurgiu das suas cinzas mais bella e mais formosa!

Nha Maria é bonita  
Nho Thimoteo é rascou.

Maria estava triste e olhava materialmente para aquella gente. Repugnava-lhe a cantiga que a feria amargamente, fazendo-lhe lembrar o seu amado Frederico.

— Estás triste Maria! Não fallas, dizia Thimoteo, pegando-lhe na mão.

— Não, respondeu ella, escondendo a pequenina mão; estou indisposta.

— Mas que tens? Sabes que te amo loucamente e que me faz mal vêr-te assim melancholica.

— Peço-lhe sr. Thimoteo que vamos para junto de meu pae.

— Eu fico ainda e irei logo, retorquiu Thimoteo, mordendo os labios de despeito e raiva.

— Até logo sr. Thimoteo.

Maria encaminhou-se para casa e Thimoteo exclamou:

— Inferno! Nunca conseguirei captivar o amor de Maria! Ella ama Frederico e não pôde vêr-me. Mas ou hei-de casar com ella ou Frederico morrerá ás minhas mãos.

— Sr. Thimoteo não commetta um assassinato que é vergonhoso. E depois o sr. Frederico é valente e mata uma galinha a 40 metros. Acutele-se!

— Quem és tu que me diriges ameaças? gritou Thimoteo encaminhando-se para o matto de purgueira d'onde partia a voz. Espera eu te darei o castigo da tua insolencia. O sr. Thomé da Veiga te corrigirá.

A Praia resurgiria devagar, porque lhe faltaria o braço d'um marquez de Pombal, mas resurgiria onde existia ou n'outro ponto da ilha. S. Vicente é que não mais se levantaria se lhe faltasse a navegação, sen unico esteio, porque a sua vida é artificial, ao passo que a de S. Thiago é natural e indestructivel, a não ser que um cataclysmo cosmico, como se diz na *Revista*, a destruísse, acabando assim de vez com a questão da mudança da capital, com o desaparecimento total do archipelago.

E notem que ha quem prophetise isso para 13 de novembro proximo!

O unico argumento que se refuta com o decreto de 14 de junho de 1838, é que a mudança da capital já fôra ordenada e, por isso, já officialmente se pensara no assumpto, mas se attendermos a que esse decreto foi posteriormente mandado sustar por nma ordem régia, vemos que elle caducou.

Nem podia hoje servir de con-iderando, para decretar a mudança da capital, o que se adduziu em 1838, porque ali se falla unica e exclusivamente da insalubridade da Praia.

Tanto do officio do deputado Theophilo José Dias como do citado decreto, resalta em primeiro plano a questão da insalubridade da Praia.

N'aquelle tempo, ninguem contesta que a villa da Praia era um ponto insaluberrimo, onde as chamadas carneiradas, levavam para os cemiterios centenas de europeus. Mas não pôde estabelecer-se comparação entre a villa da Praia de 1838 com a cidade de 1899.

N'aquelle epocha, as ruas não eram calçadas, as casas tinham cobertura de palha, os pantanos não estavam drenados nem tinham exgôlto, a agua, em geral, era dos poços, não havia policia, os porcos divagavam pelas ruas e cada quintal era um chiqueiro!

Tudo isso desapareceu por completo.

Essa exaggerada má fama de que gosava a Praia, já não existe. E era tão exaggerada, que até se dizia em Portugal que as velas dos navios se tornavam amarellas ao approximarem-se de Cabo Verde!

— Não sou escravo! Não temo o chicote maldito!

— Espera! Sr. Thomé, sr. Thomé!

— Ah! sim chama o dono da casa! Cobarde! E o vulto desapareceu entre os purgueiraes.

Thomé Gomes, ao saber do que se passava, ficou colerico e mandou percorrer pela sua gente a propriedade; ninguem porem encontrou o homem que ousára provocar Thimoteo.

— É um tratante, exclamou Thomé, um espião de Frederico que vinha trazer alguma carta a Maria. Hei-de saber tudo!

O bom morgado estava furioso. Mandou chamar todos os seus serviçaes: apenas faltou um só á chamada, — era João Varella, guarda das fornalhas e dos trapiches.

— Será elle! exclamou o morgado cerrando os punhos. Não é elle o guarda dos caes e não dizem que Frederico vem aqui de noite?! Amanhã saberemos tudo. Ficou pensativo algum tempo, mas depois expelliu toda a colera que lhe ia lá dentro.

— Que se acabe o *batuque*, disse Thomé, e cada um recolha a sua casa. Amanhã cedo quem primeiro encontrar João Varella, que o traga á minha presença e terá nma garrafa de aguardente.

Retirou-se Thomé da Veiga e depois de rondar a casa e o jardim, fechou todas as portas, deitou-se mas não poude pregar olho toda a noite.

(Continúa.)

Felizmente, esse phenomeno está hoje explicado, e nada tem que vêr com emanações palustres!

E' preciso pois buscar outro argumento que substitua o da insalubridade, visto que as estatisticas medicas não dão primazia de salubridade ás duas cidades da Praia e do Mindello.

Bombaim, sim a uma moderna Bombaim, compará-mos o Mindello, alludindo ao descommunal movimento que nos descreveram d'aquella cidade cosmopolita, com as suas ruas cheias de gente de todas as côres e nacionalidades; não a podêmos comparar, nem por critica, á Babylonia, porque para isso lhe faltaria um simulacro de verdura, que imitasse os jardins suspensos, mandados construir por Nabuchodonosor!

A orientação que vae levando a questão da mudança da capital, é que nos pôde e deve conduzir a uma moderna torre de Babel!

S. Thiago terá uma importancia quasi igual á de S. Thomé, dissémos nós, e não retiramos a phrase, porque não será um impossivel desde que, obtidos capitaes, se cubram de cafezaes todos os terrenos que são susceptíveis de tal cultura, sabendo-se, demais, que o café de Cabo Verde conserva sempre superior cotação nos mercados europeus.

Não é uma utopia. Seria mais facil conseguir isso, que levantar S. Vicente se deixasse de ser uma carvoaria.

Não teremos nós rhetorica bastante nem possuiremos o rendilhado estylo dos nossos adversarios, mas temos por nosso lado dois grandes auxiliares: a razão e a consciencia do nosso dever.

E temos mais, temos o direito de nos defendermos, porque estamos em nossa casa, e o homem é ahí tão forte que, como diz o dictado muito portuguez, até para de lá o tirarem, depois de morto, são precisos seis homens.

Não nos renderemos pois, e, apesar de não pertencermos á pleide dos defensores de 1838, diremos, como os soldados de Napoleão I em Waterloo, quando esmagados pela foça: — *A velha guarda morre, mas não se rende!*

A.

## Dreyfus em S. Vicente de Cabo Verde

A bordo do cruzador francez *Sfax* chegou a este porto no dia 18 de junho, esteve aqui, de passagem, o celebre deportado da ilha do Diabo

Ninguem logrou vel-o.

O cruzador esteve aqui 2 dias, não sendo permitida a entrada de visitantes a bordo, nem a atracação de embarcações ao costado do cruzador.

## CABO VERDE E CANARIAS

Passa por habito arraigado na já velha raça portugueza alliviar os males proprios com os males dos outros, e tão generalisado é o raro e famoso feitio, que alguém n'elle especialisa um molde de character. A verdade é, porém, que se por tão pouco se não pôde definir um povo, com elementos de menor valia ainda se podem lançar aleives na sua historia. Todos o sabem, e, no entanto, na comprehensão viciosa d'um interesse commum em que o egoismo individual se classifique como uma vilissima attenuante, mas não como uma dirimente, gerações se tem gasto em trabalho bem dizendo a Providencia, que se não permite que Cabo Verde se extreme, não consente tambem

que as Canarias se desenvolvam. Conso'ação impertinente d'esse insuccesso gerado em um mesquinho conceito intellectual é esta, mas não poderia deixar de ser assim em um paiz, onde em regra se teima em não reconhecer a imbecilidade, o talento é apanagio de todos e a ignorancia, que poucos confessam, uma insolencia que ninguem disfarça. É certo, que, quem por lei tem tutella, aufere uma responsabilidade limitada; e quando a intelligencia, o saber, a energia e a prudencia são requisitos indispensaveis ao tutor, o tutelado pôde-se excusar de pensar. Talvez da exaggerada boa fé provenha o lôgro em que nem será bom insistir.

Fundamentalmente o caboverdeano é um despreocupado, mas tem as mais finas qualidades de character. Ha hoje dois grandes portos no archipelago das Canarias, abertos á navegação — o de Las Palmas e o de Santa Cruz de Tenerife, exactamente como em Cabo Verde ha o de S. Vicente e o da Praia —, e se para avaliar da sua importancia bastasse conhecer do carvão que fornecem e do numero de vapores que os demandam, a vantagem estabelecer-se-ia immediatamente a favor das ilhas hespanholas. Com effeito, vendo a estatistica official a que se transcreve, nenhuma duvidas serão licitas.

LAS PALMAS			SANTA CRUZ DE TENERIFE	
Annos	Carvão exportado — Toneladas	N.º de vapores entrados	Annos	N.º de vapores entrados
1884.....	6:700	338	1884.....	430
1885.....	18:390	336	1885.....	464
1886.....	38:827	506	1886.....	553
1887.....	73:070	660	1887.....	620
1888.....	136:188	963	1888.....	753
1889.....	166:341	1:180	1889.....	912
1890.....	196:400	1:441	1890.....	961
1891.....	203:600	1:558	1891.....	962
1892.....	206:378	1:562	1892.....	964
1893.....	230:215	1:719	1893.....	986
1894.....	260:995	1:842	1894.....	984
1895.....	270:139	1:873	1895.....	1:680
1896.....	271:121	2:032	1896.....	1:324

De positivo conclue-se que o porto de Las Palmas em doze annos decuplicou em navegação e em rendimentos, e que o de Tenerife em igual praso quadruplicou. Aconteceu, acaso, alguma cousa de semelhante nos portos de Cabo Verde? Não, e como entre a Europa e a America e entre estas e a Africa continental, a navegação é limitada só com uma diminuição de aportagens em Cabo Verde e um decrescimento certo na exportação de carvão, refrescos, etc., as Canarias poderiam ter conseguido um maior numero de vapores e consequentemente mais valiosas transacções commerciaes. Exige a boa logica, que se indusa, que não é do preço de carvão que resulta o depreciamiento para os portos da provincia, porque se impõe como evidente que a differença de dois schelings por tonellada não compensa de modo algum um atraso de dois dias ou mais em viagem a um vapor que se dirige da America do Sul á Europa, e que a S. Vicente prefira Las Palmas. Persistem outras rasões. Nas Canarias ha possibilidade e facilidade relativa de qualquer vapor em caminho de retorna completar a sua carga, e n'este facto, por mais banal que pareça, encontra-se já em parte a explicação da preferencia. Além de tudo, para a justificar e ter mesmo direito a exigil-a, tem a Hes-

panha intelligente e activamente trabalhado durante quinze annos. Foi obedecendo a uma recommendavel orientação que se crearam industrias, se desenvolveu a agricultura, se garantiram vantagens excepçoes ao commercio nacional e estrangeiro, e ao par se estudaram com consciencia e responsabilidade effectiva melhoramentos de interesse collectivo, valorizados de antemão pelas consequencias praticas já previstas.

N'este rumo de ideias, conseguiu o archipelago das Canarias raças de gado vaccum e cavallar proprias, que merecem á Europa e á Africa do Sul a importação, a criação de camellos que utiliza lucrativamente para transportes e envia ainda a outras colonias, a selecção de boas especies culturaes, a abertura de longuissimas e optimas estradas, o estabelecimento das vias ferreas, a construcção de dois magnificos portos de abrigo, etc., etc.

Tem alguma d'estas coisas Cabo Verde, além do porto de S. Vicente, que naturalmente é bom, mas que poderia ser melhor? Não. Todavia esta provincia, tendo pessimos cavallos, podel-os-ia ter do mesmo modo muito apreciaveis; não tendo uma raça bovina aproveitavel, poderia possuir muitas e boas pelas condições especies das diferentes ilhas; cultivando fructas de inferior qualidade e rendimento, poderia cultivar-as da melhor e mais ricas pelo fructo; explorando agricolamente um limitadissimo numero de especies alimentares, poderia lucrativamente explorar innumeras; possuindo trilhos e atalhos poderia estar dotada de boas estradas e uteis caminhos de ferro de via reduzida, etc.

Que attenção, pois, tem merecido o desenvolvimento material de Cabo Verde, comparativamente com o que se tem feito nas Canarias? Nenhuma. Evidentemente os factos encarregam-se de demonstrar que, se Cabo Verde não tem progredido, é falsa a supposição de que ás Canarias tenha succedido outro tanto. Nem admira. No archipelago hespanhol ha uma orientação definida, uma superintendencia responsavel em face da lei e de facto, e arredaram-se como nefastos ao desenvolvimento economico do paiz e prejudiciaes á moral do povo, os processos de expediente banal, equivalencia sempre d'uma intellectualidade exgottada ou deprimida que se empola pela confiança politica ou partidaria. É tempo que Cabo Verde considere á sério a sua situação politica e economica e pondere que em breve será tarde para ganhar vantagens perdidas, e sem as quaes não deverá ter a pretensão de despertar aos seus visinhos canarianos a supremacia.

Que seja lembrado que existem ilhas actualmente em que as receitas publicas são minimas e os bens ruraes não indemnizam o proprietario compensadoramente das despesas que lhes exigem, e que da comprehensão acisada da valorisação immediata d'aquellas depende, n'uma parte importante, a riqueza effectiva do archipelago.

## GUINÉ

Vem publicado no Boletim Official d'essa provincia, de 27 de maio findo, o auto de preito e homenagem prestado ao governo portuguez, pelo regulo de *Intim*, Tabanca Soares e seus grandes.

É um documento curioso e de muita importancia economica, politica e administrativa, para essa provincia, e felicitaos o illustre governador, sr. Alvaro Herculaniano da Cunha, por mais este assignalado serviço.

No dia 19 de maio, depois de ouvida uma missa campal em que foi celebrante o vigario geral, conego Serpa

Pinto, e com a assistencia dos principaes funcionarios civis e militares, e grande numero de commerciantes, foi lavrado o auto de occupação do territorio de *Intim*, entregando-se a bandeira ao commandante militar, a qual foi içada pelo rei de *Intim* Carlos, sendo n'essa occasião dados vivas a Sua Magestade El Rei, etc.

## POBRES!

Uma pobre mulher, uma viuva com seis filhos, que vendera o panno preto com que envolvia a magua da sua saudade no luto pelo marido, — um tysico baleeiro que, estes tempos' atraz, viera lá de longe, lá de muito acima do cabo Barrow, na extremidade norte d'America, a morrer na sua terra sob o manso olhar da mulher e dos filhos; — uma contribuinte que vendera a pequena cruz de prata d'um antigo rosario, que, talvez nos pudesse contar as dôres e os cuidados d'uma comprida geração de trabalhadores do mar; uma victima que, ainda com os hombros derreados do pezo d'essa formidavel cruz que se chama — o inventario — já andava a procurar dinheiro para levar alli a um certo onzenario, a um certo judeu que, em sexta feira santa d'este anno da graça de 1899, andára a citar devedores remissos; uma pobre viuva, perguntou-me, olhos rasos d'agua, voz tremula a cortar o coração:

— Já não haverá justiça?

Não respondi. Eu não sabia d'isso. Não podia informar sobre a existencia ou não existencia da justiça.

O não tel a, n'estes tempos, visto era nada; o não tel-a sentido nem presentido, não podia significar que ella, de vez, ou temporariamente, nos tivesse deixado, em pleno matagal, com a nossa carne e as nossas fazendas offerecidas á fome d'uma faminta alcateia de lobos.

Eu não via, de ha muito, essa deusa. O seu culto limita-se á alma de raro crente. Ter-lhe-hiam, por ventura, os seus sacerdotes passado o pé... Não respondi, pois, á mulher; o seu olhar, porem, increpando o meu silencio, fez-me mal.

Aquelle miseravel aspecto d'uma infeliz a perguntar por Deus em similhante inferno, produziu-me uma horrivel impressão de frio. E o meu pensamento, doido, partiuo um desvario da obscura dôr d'uma pobre, ascendeu ao acume da extraordinaria agonia d'uma nação decrepita e viu cousas bem horriveis em toda a declivosa immensidade da nossa miseria.

E como eu lesse no afflicto olhar da mulher esta cousa medonha: — Infeliz, tu és *um d'elles!* E és tão novo! Quem te arrancasse d'esse chavascal! — subitamente me envolvi na lembrança d'uns factos passados já ha muitos annos, e pensei:

— João José da Senna, filho de Francisco José de Senna, que, quando teu pae, um patriarcha, cheio de bondade e de pratica da vida, te chamou, mais os teus irmãos, para que escolhesseis qual vida querieis seguir; e que, emquanto um dizia: — eu quero commandar um navio — e era mandado para o mar; e outro: — eu quero ser medico — e era mandado para as escolas, disseste: — a mim deixem-me com as minbas vaccas — e eras mandado para os campos com as tuas manadas; João José de Senna, que, ha tantos annos descansas das poucas fadigas e trabalhos que a tua vida obscura e felicissima te deu n'este mundo, — tu tinbas rasão!

Oh! quem me dera a mim, agora, um rebanho e a

felicidade longe d'este horror de ver esfolhar pobres, de ver chorar viuvas!

Não respondi á pobre mulher.

Poder-lhe-hia ter dito:

— A Justiça, infeliz, homisiou-se. Illumina, ainda, as consciencias porque é innata n'alma. Deixou, porém, de regular os actos do homem, deixou de ser a religião dos seus sacerdotes em certa porção d'este infeliz paiz de estiagens. E, a ausencia d'ella é como uma grande noute: tenebrosa, mas, transitoria. — Não desanime, mulher; esperemos que *amanheça*. . . — Nada lhe disse, porém; a miseravel, não me comprehenderia.

Por isso me affastei, silencioso, n'uma grande tristeza, perseguido pelo olhar dolorosamente amargo, d'aquella desgraçada. Aos olhos d'esta eu era *um d'elles!*

O' meu Deus! eu perdoei á infeliz ignorante; assim, perdoae *aquelles outros* que, se não sabem o que fazem, fazem uma cousa que sabem, em que são cynicamente, temivelmente eximios. . .

E. TAVARES.

### Ditos do fim

Perguntando a um albardeiro se o seu officio era rendoso, respondeu que se todos os asnos tronxessem albarda ninguem seria mais rico do que elle.

N'um exame de geographia:

Examinador:— Onde é a Suissa?

Examinando:— A suissa?! 'A de meu pae é aos lados da bôcca e do nariz!

## A VIDA DE PORTUGAL E SUAS COLONIAS

(Continuado do n.º 9)

D. Maria I, a Piedosa, tambem era absoluta, mas nunca foi despotica nem sanguinaria, tinha o verdadeiro amor pelo seu semelhante, não fazia a vontade aos barbaros julgadores, possuia um lucido criterio fundado na bondade do seu coração e na rectidão da sua justiça.

Vejamos o que diz a historia patria:

«O Marquez de Pombal foi processado como culpado de muitos crimes, até que, no dia 3 d'abril de 1781, foram chamados á relação os juizes nomeados para esta causa e, depois de longa conferencia, declararam innocentes a todas as pessoas, tanto mortas como vivas, que tinham sido encerradas nos carceres, e o Marquez de Pombal digno de um exemplar castigo, o que, pela clemencia da rainha, se não realisou, se não em o mandar desterrar para vinte leguas da capital.»

Conheceu, portanto, aquella rainha, os bons serviços que aquelle estadista de ferro fez á sua patria. Não quiz aquella piedosa mulher que a sua corôa fôsse manchada com o sangue do primeiro ministro D. José I.

Quiz antes a justiça, a piedade e o valor historico na lista dos reis absolutos.

Somos democratas, mas d'estes democratas que aceitam toda e qualquer acção boa, seja ella praticada por monarchas absolutos, constitucionaes ou por governos republicanos, a questão é que seja boa e unvida com o balsaço da justiça. Sabemos que ha muitos democratas que não approvam qualquer acção, ainda que seja muito boa; dos governos coroados, dizem mal por

dizerem e não por convicção. Claro está que, os que assim procedem, não falam com neutralidade, mas sim por paixão ou por toleima politica.

E sendo assim, a acção de generosidade e de clemencia que a mencionada rainha praticou para com o Marquez de Pombal, e o alvará explicito n'este artigo, não achará acceitação, porque, dirão os constitucionaes, é doutrina d'um governo absoluto, que nós derrubamos; acrescentando os republicanos, é um barbarismo dos governos de testas coroadas, que nós condemnamos e desejamos derrubar. Seja tudo assim, agora o que é logico, o que é demonstrativo, evidente e racional, é que o alvará firmado pelo punho d'aquella rainha absoluta, está escripto com tanto criterio, que nenhum governo liberal ou democrata o poderá condemnar sem quebra da dignidade da justiça, da verdade e do decoro de todas as constituições que formam os governos dos povos.

Condemna aquelle alvará todos os ladrões da fazenda nacional, com penas severas e executivas; condemna a lesa-justiça, os abusos auctoritarios, tudo em fim que fôsse de offensa aos interesses do thesouro publico e da justiça do povo. Se por um acaso phenomenal, esse alvará fôsse convertido em decreto de lei applicado ás nossas colonias, que seria de muitos que hoje se julgam grandes; que temor, que horror não seria essa lei? Mas esse acaso phenomenal nunca chegará, porque com elle chegaria o bem da patria e das colonias, e como a patria e seus dominios d'aquemmar estão dotados sómente do mal, com sentença de uma morte lenta, não chegará a gosar o menor bem; por isso nem aquelle alvará, nem outra qualquer doutrina boa, applicada á vida de Portugal e suas possessões, será acolhida pela gente que nos governa.

Porque será que os nossos homens de Estado não attendem ás supplicas que se lhes fazem a bem das colonias? Qual a razão de tanto indifferentismo que se deita á causa publica, á voz do povo e ao brado da imprensa? Não sabemos bem explicar a monstruosa causa, o que sabemos é que tudo está n'uma derrocada imminente, que todos nós portuguezes verteremos lagrimas na taça da desgraça, em que se escreverá com as mesmas lagrimas: morreu Portugal.

Nós não queremos atacar os poderes publicos, nem esta nem aquella individualidade, o que nós queremos é moralidade, justiça e dignidade nos homens que a executam. Não todos, mas a maior parte dos magistrados do ultramar, praticam actos que, em um paiz, o mais selvagem, se admittiriam?

E' para esses delinquentes togados, que nós pedimos a El-Rei D. Carlos e aos seus ministros a conversão do citado alvará de D. Maria I, em decreto de lei; é para esses juizes que vivem fóra da legalidade, que nós pedimos syndicancias e a expulsão da magistratura, quando assim o exijam os seus delictos de lesa-justiça.

E convençei-vos, senhores, que nunca teremos prosperidade nas colonias sem substituir, em parte, os maus executores das leis que legislaes para o ultramar.

A moralidade por cá é uma palavra vã, e a justiça em alguns tribunaes é um horror. Conhecemos magistrados no ultramar dotados de nobreza de character, cumprindo com dignidade e honra o mister da justiça, exaltando a magistratura por todas as fôrmas, mas, infelizmente, outros ha em verdadeiro contraste. Para os bons, haja todo o respeito, todos os louvores e toda a protecção, porque estes são os que honram a toga, os tribunaes, e dão á sociedade a garantia do seu direito. Agora para os maus, deve haver o maior tedio e a for-

mal condemnação, á face da lei e da sociedade que os repelle do cargo honroso que estão exercendo tão baixamente.

Sindicancias para estes e louvores para aquelles, é o que nós pedimos, em nome da sociedade e da honra da magistratura.

(Continua).

BORLIDO MARTINS.

## LEGISLAÇÃO ULTRAMARINA

Se a legislação do nosso paiz pecca por caduca, havendo leis que remontam ao seculo xvii e que, por vezes, é necessario consultar por terem ligação e referencia a outras de recente data; a do ultramar mais difficil é de compulsar e executar, porque lá vae encahar nas leis do Reino que, tendo sido feitas para um meio muito diverso, se tornam importunas e inexecutáveis.

Este mal, de ha muito reconhecido, em vez de remediar-se, como convinha, tende a mais se avolumar, com a furia, que ultimamente tem havido de reformas, e com a extensão das leis do Reino para as colonias, só com o simples decreto da sua applicação e sem serem publicadas nos Boletins Officiaes das respectivas provincias, unico modo de se tornarem conhecidas do publico.

A par com a pouca adaptação das leis decretadas, em geral, para o ultramar, veem os inconvenientes a que acabamos de nos referir trazer a confusão e o chaos, porque as interpretações divergem, as consultas succedem-se todos os dias, as duvidas surgem a cada passo, e, em resultado final, soffre o publico e soffre o Estado com estas hesitações.

As provincias ultramarinas têm, cada uma, o seu modo de ser diverso. Os costumes, as suas industrias, as suas culturas, as suas produções, o seu grau de civilisação são differentes e completamente oppostas entre algumas d'ellas.

Desejariamos que cada provincia ultramarina tivesse a sua legislação especial, principalmente para determinados serviços.

Bem sabemos que é esse um trabalho de vulto, de muita circumspecção e estudo, mas que não é irrealisavel.

Se muitas providencias a adoptar para o ultramar fôsem decretadas, só depois de ouvidos os governadores, os conselhos dos governos e commissões de homens bons, intelligentes e conhecedores das colonias, não teriamos a lamentar os inconvenientes que apontamos e que hoje só poderão, com immenso trabalho, remediar-se. Mas não é isso razão para que continuemos a embaraçar mais a meada da legislação ultramarina; cumpre ao contrario esclarecel-a, tornando-a clara e nitida e incorporando-a em codigos, que não deixem duvidas e que não obriguem a ir compulsando centenaes de volumes, em cada um dos quaes se encontram referencias a outros tantos anteriores, — cabir n'um labyrintho d'onde muitos não logram poder sair!

A lei do sello, — que apresentamos, como um exemplo, — tem soffrido taes e tantas alterações em cada anno, são tantos os regulamentos que a regem, que para não se torpeçar nas verdadeiras armadilhas que a rodeiam, é preciso cada funcionario ou cada cidadão formar-se em *bacharel de sellos*.

Prestaria um bom serviço ao ultramar o ministro que iniciasse a compilação e coordenação das leis,

adaptando-as a cada uma das provincias ultramarinas e deixando o caminho aberto para a continuação d'essa importantissima reforma, quando não podesse concluir-a, o que seria difficil se attendermos ao limitado tempo que, em geral, tem a gerencia de uma pasta.

(Cidade da Praia).

A. DE A.

## FOMENTO COLONIAL

(Continuação da resposta á 1.<sup>a</sup> Questão — n.<sup>o</sup> 6)

Antes de tratár dos productos alimenticios e industriais, convem ainda fazer referencia a mais alguns géneros de incontável utilidade e riqueza: são a orzella, a cannella, a quina, a canafistula, a espinheira e aguas minerâes

12.<sup>o</sup> — Orzella. — Nasce espontaneamente este lichen nas rochas de Cabo-Vérde. A orzella d'esta provincia, superior á das outras colôgias, é de primeira qualidade pela hellêza especial da cor purpurina mui viva que produz, sendo por isso empregada com vantagem natural tanto na tinturaria como na pintura e colorização dos mármorees, vinhos, licôres, pastilhas, papeis, etc. E' de um extraordinário effeito nas estamparias de algodão, produzindo um rôxo vivamente encantador, sem o prejuizo do envenenamento e da deterioração da matéria prima textil, que resulta do emprêgo dos elementos chimicos.

A orzella foi aqui descoberta em 1730, sendo os primeiros exploradores d'este musgo uns negociantes da Tenerife (Canarias) que, depois de uma simples amostra enviada da ilha Brava, mandarão alli um navio com orzelleiros experimentados, carregando logo 500 quintaes, a titulo de amostra e enganando o capitão-mór d'aquella ilha com uma pataca por cada quintal.

El-Rei D. João 5.<sup>o</sup>, tendo indeferido ao pedido dos jesuitas, que requeriam o exclusivo da exportação da nossa orzella, reservou tal privilegio para si, conferindo-o depois por arrematação, a um negociante hollandéz estabelecido em Lisboa.

D'este passou o privilegio, em 1750, para o portuguez José Gomes da Silva Candêas, que fez crescer extraordinariamente a importancia commercial da nossa orzella, que em seguida foi, porém, defraudada pela administração da Companhia do Grão Pará e Maranhão (1755).

Por esta haver dado enormes prejuizos ao Estado, o negocio da orzella passou a sér directamente administrada pelo Governo, (1790), prosperando tanto desde esse tempo, que de 1820 a 1840 subiu a 100 contos o respectivo rendimento liquido.

A liberdade que o decreto de 17-1.<sup>o</sup>-37 permittiu á orzella de Angola, S. Thomé e Príncipe e Moçambique comprometteu a prosperidade da de Cabo-Vérde, que continuou captiva. E, quando em 1844 outro decreto retirou a liberdade do commercio d'orzella permittida em 37, os sete annos da injusta escravidão da nossa, haviam já preparado a morte que hoje tem esta rica *hervinha secca*, como lhe chamavão os jesuitas.

A sófrega e desordenada exploração d'este género e a brutalidade da extracção do lichen produzirão tambem a decadencia qualitativa e quantitativa da nossa orzella, pois misturava-se a boa com a má e descuidava-se a pureza do género, exportando o cheio de terra, pedaços de pedra e outros vegetaes.

Sendo a orzella um género que muito favorece á situação dos pobres, podia o Governo promover ainda o seu commercio, o que julgo facil se este producto fór preferido na industria nacional da tinturaria.

13.<sup>o</sup> — A Cannella. — A cannelleira (*Aurum cinnamomum*), introduzida n'esta provincia pelo benemerito Intendente da marinha António Pusich (entre 1802 a 1810) é conhecida aqui pelo nome de amor perfeito d'horta. flor de viuva e *intendente* (do nome do cargo do introductor Pusich, que ao menos tem aqui esta memoria, perpetuada pelo povo que o chamava *pac*). E de passagem, mas reconhecidamente, seja dito que foi este benemerito estrangeiro, devotado ao serviço de Portugal, quem, entre todos os illustres chefes d'esta Provincia, mais contribuiu para o progresso principalmente agricola da nossa terra, creando companhias do pescádo, orzella, anil, algodão, etc.; promovendo a cultura do café, que teve o seu berço em S. Nicolau ao zeloso cuidado de João António Dias, aconselhando a sua plantação, nos pés das bananeiras e introduzindo arvores desconhecidas, como a alfarrobeira, o cinnamomo (planta da cannella) e diversas acácias, ainda quando simples Intendente da Marinha de Cabo-Vérde, cargo de que foi o primeiro e unico titular. Como governador da provincia e presidente da junta da real fazenda e do melhoramento da agricultura, creou em todas as ilhas *sociedades agronomicas*, compostas dos juizes, commandantes, feitores, párorchos, e escriptvães municipaes de cada ilha, para tratarem, quinzenalmente, do melhoramento agricola, do

gado e da pesca, além de outros ramos de industria, tendo sido elle quem, por proposta da sociedade agronomica do Fogo (15 nov. 1849), conseguiu que os pescadores de industria diaria ficassem isentos do serviço militar. Os feitos de tão benemérito governador provôção uns ligeiros traços biográficos, que, a seu tempo, apparecerão nesta Revista, para imitação dos successores e reconhecimento nôsso.

E' facil a cultura da cannelleira e simples a preparação da cannella, que andamos a comprar aos vintens, tendo-a nós expontânea nos regadios arenosos e servindo-nos d'ella só para câbos d' enxada!!!

E a nôssa cannelleira é da de Ceylão, a mais fina, a canella officinal.

14.º — Quina, igual á de Bolivia e Peru, quina amarélla ou real (chinchona calisaya-Weddel), é a mais importante do género quina, eminentemente febrífuga e antiperiódica.

E' geralmente sabido que a casca da quina é um dos medicamentos naturaes mais importantes, sendo o mais seguro dos tónicos e antiperiódicos, empregando-se com reconhecida vantagem nas intermittentes, nevralgias, affecções periódicas, engurgitamentos do hâço e figado, digestões laboriosas, diarrhéas, tosses humidas e convulsivas, amenorrhéas, chloroses, leucorrhéas, consumpções, moléstias eseropulósas e escorbúticas, gangrenas, perniciôsas, typhóides, hemorrhagias e em todas as moléstias dependentes da debilidade e empobrecimento do sangue. No uso externo, a quina em pó aproveita nas ulceras, podridões, etc.

Protegér portanto este género, tão conveniente á saude publica e de tão geral como facil emprégo, parece de necessidade, preferindo esta quina, nos seus preparos, a nôssa Companhia Nacional de Hygiène.

Ha 20 annos que o govérno provincial deu grande impulso á cultura da quina em St. Antão, comprando kilo de casca a réis 55000. Começarão tôdos a comprar plantas (que se vendião a 15000 réis), para a propagação de tão rico vegetal; mas pouco tempo depois ninguem comprava a quina, e os lavradôres e proprietarios cairão na descrença do auxilio officinal, aceitando hoje com difficuldade quaesquer conselhos que partião do govérno.

15.º — Canafistula. — (Cassia fistula L.) Arbusto que vegeta, como quasi tôdos os vegetaes, expontaneamente em Cabo Verde. Alguns chamão-na tintura de vacca (S. Nicolau), meduro e cannalista (em St. Antão). E' esta leguminosa tem vâgens compridas, cylindricas, ligeiramente curvas, delgadas, negras, lisas, de casca lenhosa e longitudinalmente sulcada. O interior da vâgem abriga muitas sementes, separadas entre si, e é esta semente o producto de maior importancia commercial, sendo-o tambem as folhas da planta. As sementes produzem um excellente café, a que alguns tem dado o nome de café nervino, pela propriedade particular que tem d'acalmar a irritabilidade nervosa.

Consta-nos que tem grande mercado em França.

Na ilha de Santo Antão é bastante usado este café, e bom seria que tal uso se propagasse, ainda que de mistura com o verdadeiro café, para evitar os perigos da excitação nervosa que produz o café (e o cafeismo), e para auxilio dos pobres, pois a canafistula é de cultura expontânea. E' planta medicinal de uma utilidade immediata nas febres, doenças inflammatórias e constipações chronicas.

16.º — Espinheira prêta. — Acácia silvestre (phoenix spinosa) flôr bicolor, que vegeta expontaneamente em todo o terreno, nas ilhas, sem excepção das salgadas. Ha espinheira branca e prêta, sendo a resina d'esta um producto de primeira ordem para fazer cõlla. Vinte grâmmas desta resina, que se extrâhe como á do dragoiro, dão um vidro de cõlla, dos de N. Antoine de Paris, que compramos aqui a mais de 300 réis, podendo custar menos de 20 réis estas 20 grâmmas e dando uma cõlla magnifica e aromática. Nos logares inais agrêstes, poderião plantar-se ou semear-se as espinheiras, com a dupla vantagem da arborização e industria.

17.º e 18.º — Dragoiro e ananáz. — O dragoiro não é só uma conveniencia, é uma necessidade, como ha mais de meio século dizia Pusich, por sér árvore frondente, que vegeta nas rochas frescas, atrahindo portanto copiosas chuyas — o maior elemento de riqueza de um povo. A sua resina, alem de medicinal, é empregada com vantagem na tinturaria. Uma planta pôde produzir mais de meio kilogrâmma de resina em um anno. Cem pés de dragoiro podem dar um rendimento razoavel, já pela resina, já pelos câbos, finos e resistentes, que se fazem das folhas.

O ananáz, sobre sér fructa deliciosa, produz um tecido delicado, que se fabrica das folhas da planta. As fibras do ananáz (folhas) são mui sólidas, dum branco nacarado e sedoso, e sêrvem para tecidos de luxo. Já fôrto importante exportação da Nova Caledônia e hoje é a China que as expôrta para a Inglaterra, a razão de dois francos e meio o kilogrâmma. E' de facilissima preparação.

Esta bromeliácea (bromélia ananáz — L.) é planta rustica que resiste bem ás sóccas. A nôssa é da Cayénna, a melhor de tôdas, que produz tambem excellente licôr.

Seria uma exposição interminavel a lista das plantas conhecidas na Provincia e que lhe pôdem garantir a felicidade, quando devida e convenientemente cultivadas e aproveitadas.

19.º — Aguas minerâes. — De uma abundancia e riqueza extraordinaria, podião as nôssas águas concorrer para a nôssa felicidade, quando fôssem indicadas, ao menos na Provincia, para o tratamento dos doentes. Havendo-as na Brava e S. Nicolau, mas principalmente em St. Antão, são de utilidade immediata, distinguindo-se as férreas da Ribeira Grande, analisadas ha muito pelo distincto médico Doutor Hóppfer, as alcalinas de Chã de Valentim no Paul, e as termâes de Altomira.

20.º — Productos alimenticios e medicinaes. — Pédem uma protecção especial o milho e o sal. Sendo o primeiro a base da alimentação geral caboverdiana, e o segundo á salvação mais barata das ilhas do Máio, Boa Vista e Sal. O nôsso sal é de uma qualidade superior, distinguindo-se o da ilha do mesmo nome, que será breve riscada do numero politico das suas irmãs, se não reviver a exportação deste producto. Um tratado commercial com o Brazil, garantindo a exportação do nôsso sal, seria a melhor vantagem para as três desgraçadas ilhas, dignas de melhor sorte.

O nôsso milho não deve sér exportado, senão, excepcionalmente, em annos de muita abundancia, e deve sér livre a importação do milho estrangeiro, que tem sido sempre a salvação do povo da Provincia, ainda que isto pese aos grandes proprietarios, que preferem á prosperidade do povo, uns magros vintens, que produzão o seu milho.

Aos outros géneros alimenticios proteja-se com o fomento agricola, promovendo-se a plantação da bananeira, da mandioca, dos feijões, da hervilha do Congo, da batata inglesa e doce e de todos os mais productos de consumo immediato.

São bem conhecidas as nôssas plantas medicinaes, pois já o ex.º pharmaceutico João Cardôso, do quadro de saude desta provincia, fez um trabalho que muito o honra e distingue, colleccionando as principaes e publicando o seu valor.

As nôssas pharmacias poderião estar fornecidas dos nôssos productos, como : a mostarda, a quina, o senne, o aniz, a macélla, a canafistula, a grânma, folhas de laranjeira, ricino, loló, aloés, cidreira, lôsna, rosmaninho, arruda, alecrim, mangerôna, mangericão, belgata, hortelã, avenca, féto, corôa de rei, piurri, bergamota, verbasco, eucalypto, málvas, agrião, aipo, fedagôso, herva de Santa Maria, (palha Teixeira), limoeiro, salva, papaiêira, romãseira, tanarindo, e muitas outras plantas, que o povo geralmente emprega e que estão ha muito catalogadas nos livros da *Maléria Médica*, por existirem em toda a parte.

Não sabe a metrópole, nem a Provincia mesmo, quão ricos são os elementos de que esta pôde dispor para seguramente prosperar, aproveitando sómente a riqueza do sólo, as culturas ensaiadas e as industrias rudimentares existentes, sem necessidade de introduzir elementos primarios nôvos.

Soubéssemos o que valémos, soubésse Portugal aproveitar o thesouro das suas colónias!

Sendo já demasiado longa a resposta á 1.ª questião, onde deixamos as bases das seguintes, passémos á 2.ª, que tem por objecto a creação, desenvolvimento e protecção das industrias colóniaes; e, principalmente, africanas.

(Continúa)

P.º ANTONIO DA COSTA.

### A companhia braçal para a Alfandega de S. Vicente

Consta-nos que ha tempo, e bem longo, o administrador da Alfandega de S. Vicente propoz para se crear uma companhia braçal para os trabalhos de descarga e arrumações nos armazens, á semelhança das que ha na alfandega do reino, companhia do caminho de ferro, alfandegas de Loanda, S. Thomé, Benguella, etc. A resposta a esta proposta foi o silencio. E admiravel tal modo de tratar os interesses publicos!!! A organização de uma companhia braçal não, traz despezas para a provincia, porque será paga pelos recebedores das mercadorias como hoje succede; sómente havendo essa companhia os armazens da Alfandega andariam melhor arrumados, as mercadorias melhor cuidadas e ellas não faltariam dos armazens sem se saber quem as leva, como hoje succede com frequencia. A maior parte dos

actuaes carregadores que são apanhados aqui e acolá pelos donos das mercadorias, quando têm de as carregar ou as querem retirar da alfandega, são valdevinos e bebedos, entram n'um armazem da alfandega, e sem escrupulo algum tiram o que bem podem. Ainda ha poucos dias roubaram um côrte de flanela que um individuo entregára na alfandega para no dia seguinte fazer o despacho.

Dois dias depois outro individuo comprou uma porção de calçado a bordo de um vapor inglez, trouxe para a alfandega; quando a veiu despachar faltava lhe um par, e o pobre fiel, lá pagou tudo isso. Deve-se attender que a alfandega tem tres armazens, e que o fiel tem que andar de um para outro armazem entregando mercadorias e não pôde vêr se lhe estão roubando. Mas se houvesse uma companhia braçal, o capataz seria responsavel pelas mercadorias que os carregadores roubassem e teria de os fazer pagar, e nos armazens da alfandega não entrariam pessoas estranhas á reparição.

Não comprehendemos porque esta proposta não teve até agora solução.

MARCOS AURELIO.

## OBRAS PUBLICAS EM S.<sup>to</sup> ANTÃO

O digno e illustre ministro da marinha e ultramar, na portaria de 15 de novembro de 1898 sobre obras publicas no ultramar, reconhecendo quanto pôde contribuir para o progresso e melhoramento das condições economicas a realisação d'obras que diminuem as difficuldades de transporte e de acesso aos portos, determina aos governadores das provincias ultramarinas que formulem um plano geral das obras a executar em cada provincia.

Vou dizer alguma cousa a proposito do assumpto da supracitada portaria, chamando a attenção do governo para algumas obras que se me affiguram mais urgentes e da maxima importancia para o melhoramento das condições economicas da ilha de Santo Antão, que occupa o segundo logar em grandeza e riqueza e que bem explorada poderá vir a ser o futuro de Cabo Verde. Um dos primeiros obstaculos a vencer para assegurar um desenvolvimento economico rasgadamente efficaç é a falta de boas estradas e parecia-me medida de grande alcance que entrasse desde já no plano das obras a executar a continuação da estrada marginal desde a Ponta do Sol (Villa Maria Pia) ao Porto dos Carvoeiros, passando pelo Paúl, ribeira mais importante da ilha, e pela Janella, Pharol, Fontes Pereira de Mello e d'ahi por deante até aos Carvoeiros. O lanço, que levaria mais tempo, é o do Paúl á Janella e é tambem urgente essa obra para pôr em communicação com o Paúl e Ribeira Grande aquella importante Ribeira da Janella. Até ao Pharol de Boi vae-se bem a cavallo (partindo da Janella).

— A continuação da estrada da Garça a Ribeira da Cruz é tambem reclamada pela necessidade de communicação d'aquelles logares com a sêde do concelho.

A estrada marginal á beira-mar seria a estrada principal e a seguir viriam as filiaes interceptar a principal nos portos de mar e d'este modo ficariam estabelecidas communicações com todos os pontos importantes da ilha.

As empreitadas seriam um meio economico de realisar semelhante plano.

— A ilha é grande e populosa; um só administrador não pôde attender a todas as necessidades; urge pois

que seja dividida em dois concelhos, porquanto a descentralisação é um meio efficaç de conseguirmos o desenvolvimento de todos os ramos de serviço publico com vantagem para o Estado.

Santo Antão.

M. M.

## INSTRUÇÃO PUBLICA OBRIGATORIA

Eis ahi o que se deve pôr em vigor n'esta Provincia, como em todo o Reino: — uma lei, que declare obrigatoria a Instrução Publica. E porque é que se não faz isso? — Tenho ouvido a alguns pernosticos, quantas vezes! que aos Governos convém a profunda ignorancia das turbas, para as dominarem mais facilmente. Poderá ser assim? — Não sei; porque outros mais avisados sentenciam: — que o governo não decreta obrigatorio o ensino para maior liberdade dos seus povos. Isto é, faça cada um o que quizer... Liberdade, ahi onde está e como está, é um euphemismo. Sou professor régio e não quiz dizer — licença, — o que mais ha.

Pois, muito embora as diversas spiniões que gravitam em torno do assumpto, o que se deve fazer, é crear uma lei que reforme por completo a chamada Instrução Publica. Deve-se começar pela instrução primaria e d'ahi passar á secundaria.

A par d'isso, será muito conveniente — indispensavel mesmo — discernir encargos escolares, escolhendo entre o Governo e as taes chamadas Camaras Municipaes a qual dos dois attribuil-os. Ou, por outra, no plano da remodelação dos serviços á causa da instrução devem figurar todas as medidas, que tendem a beneficiar largamente, completamente, a mesma.

Temos, portanto, necessidade de duas grandes alterações nas leis relativas á instrução publica. A primeira consiste em decretar o ensino obrigatorio. A segunda, em definir bem a cargo de quem devem ficar as modestas despezas escolares.

O primeiro ponto é de per si tão suggestivo que, me parece, ninguem haverá que ouse controvertel-o. E' medida urgentissima.

Está mesmo a entrar-nos pelos olhos a necessidade de haver uma lei rigorosa, que obrigue o povo a mandar os filhos á escola. O movimento escolar official em Cabo Verde é uma miseria. Proclamo-o em altas vozes, sem olhar para quaesquer conveniencias, por isso mesmo que estas devem pôr-se de parte, quando se trata do interesse publico.

Os paes plebeus não mandam os filhos á escola, ou, se os mandam, abandonam-os á sua vontade d'elles filhos.

Apparecem hoie nas bancadas, dão uma lição, e em seguida passam dias e dias sem comparecerem. Depois, não valem ameaços da auctoridade administrativa (que de resto não pôde obrigar ninguem á escola) nem as admoestações e rogos do professor.

E o peor é que geralmente este é que serve de bode expiatorio. Sim. Não dizem os senhores paes-familias, que os filhos não vão á escola. Dizem, que o mestre não ensina.

— Como se é possivel haver professores capazes sem discipulos estudiosos, ou pelo menos assiduos!...

E o peor é que, algumas vezes, pessoas das quaes o pobre professor poderia só esperar justiça blasphemam contra elle, levando-as não sei porque estranhos motivos!...

Isto acontece algumas vezes.

Ninguem deve contar com os applausos dos ho-

mens, e loucos são aquelles que trabalham com o intuito de os mererer. Isto de olharmos para as fraquezas (às vezes suppostas) do proximo, sem que primeiro olhemos para as nossas, é balda reconhecida da humanidade. Eu digo do proximo e o proximo diz de mim Mas ha quem diga mais do que se deve dizer. O peor é isso. E adiante, olhos no céu e o coração á larga!

A instrucção obrigatoria é de urgente necessidade.

E' conveniente tambem organizar o corpo docente, chamando professores habilitados para o magisterio.

Se não pôde haver professores sem alumnos, muito menos poderá haver alumnos sem professores. Faça-se uma rusga, pois, á nossa classe, e excluam-se d'ella empregando-os n'outros officios, aquelles de entre nós que não estiverem habilitados.

Quanto aos encargos escolares, bem está que fiquem a cargo das Camaras Municipaes, mas só nos concelhos ricos ou nos quaes os Municipios têm bons rendimentos.

Exigir-se d'uma Camara Municipal, porém, como a da Boavista, ou a do Sal, o sacrificio de subsidiar as escolas para mobilia, livros, auxiliares, etc., etc., etc, é uma espantosa loucura.

Como não dizel-o, se a muito cssto os seus empregados recebem os vencimentos e além d'isso estão gafadas de dividas e mais dividas?

Em circumstancias taes, devem esses encargos recabir immediatamente sobre o governo. E' de toda a justiça que assim se faça.

Estude-se, portanto, o assumpto com a attenção que elle requer, faça-se luz n'este cahos, porque d'outro modo a instrucção primaria não sahirá da penumbra. E, se se conseguir montar melhor o machinismo escolar; se o governo quizer impulsionar tantas orientações felizes desprezadas; se se decretar uma medida sensata ácerca de tão importante negocio; se quizermos adoptar o systema allemão: se resolvido fôr afinal o arduo problema do ensino publico, — poderemos todos contar com o desenvolvimento rapido da nossa gente. Então poderemos conquistar com mais direito a primazia colonial, que sem embargo já aos pertence. Então o povo, esse ignorantão, que não manda hoje os filhos á escola, ao vêr mais luz na sua mansarda, será o primeiro a applaudir a peça.

E nós, os mais adiantados, ao sentirmos o trabalho abençoado que vae no cerebro do africano, do nosso compatriota; ao vêrmos as jogatinas substituidas por leituras uteis; ao contemplarmos o nosso bom povo iniciado nos segredos dos seus direitos e dos seus deveres; ao assistirmos, finalmente, a toda essa aproximação para a Luz, que é o fim do homem, applaudiremos tambem a inauguração do Futuro e diremos uns para os outros as memoraveis palavras de Moltke a Bismark depois da guerra de 1870:

*Agora é vêr crescer a arvore*

E os fructos? . . .

JOSÉ LOPES DA SILVA.

## ILHA DA BOA VISTA

### Naufragios

Os frequentes sinistros maritimos de que esta ilha, infelizmente, tem sido um verdadeiro cemiterio; de ha 50 annos, ou mais, a esta parte, sobretudo nas costas de L. (chamadas do Norte); as victimas causadas por

esses tristes acontecimentos; as terriveis consequencias que d'ali têm resultado em epochas ainda recentes; são factos que hoje nos conduzem a esforçar a nossa exigua intelligencia, no intuito de, ligeiramente, demonstrarmos a imperiosa necessidade de chamar novamente a superior attenção dos Poderes competentes para o que, em face de documentos authenticos, passamos a descrever em phrases que, comquanto rudes, todavia consolam-nos os desejos manifestados de querermos ser uteis á terra que nos viu nascer, ao commercio em geral, e mui principalmente á navegação, alma do mesmo commercio.

\*

Ao encetarmos tão ardua farefa, pedimos aos amáveis leitores nos relevem a imperfeição do nosso humilde trabalho, que exige conhecimentos que não possuímos, assim como nos escasseiam elementos positivos que poderiam agora servir-nos de guia na nossa estreia.

\*

Decorridos vão já 18 annos depois que a nossa curiosidade de simples investigador, no começo da nossa vida publica, nos levou a formular com os dados encontrados na repartição fiscal d'esta ilha, um mappa demonstrativo de todos os naufragios havidos nas suas escabrosas costas desde 1842 a esta parte, com todos os indispensaveis dizeres, mappa este que, tendo sido particularmente offerecido por nós a *alguem*, faz hoje parte das estatisticas da provincia, publicadas em appendices dos Boletins officiaes, referentes a 1893.

Se recapitularmos aquelle documento; teremos os seguintes navios naufragados:

Inglezes . . . . .	22
Austriacos . . . . .	3
Portuguezes . . . . .	3
Francezes . . . . .	9
Belgas . . . . .	1
Hespanhoes . . . . .	2
Italianos . . . . .	2
Gregos . . . . .	1
Allemães . . . . .	2
Hollandezes . . . . .	1
Noruegueses . . . . .	2
Americanos . . . . .	1
Bremans . . . . .	1
Total . . . . .	50

Victimas dos sinistros, 124 almas! . . .

\*

O povo, na sua maior parte ignorante, considerando os carregamentos e destroços dos navios naufragados como uma esmola do Céu, julgar tudo aquillo nosso e dá-lhe assim o conhecido nome de *moia-moia*.

E quando se espalha a noticia de que um navio encalhou na costa, — eis que abandonam tudo e toda a gente se dirige ao local do sinistro á cata d'aquella esmola, sem se importar com as providencias ou precauções que devem ser tomadas em taes occasiões, pelas principaes auctoridades locaes, investindo-se por entre os infelizes naufragos com ideias de rapinagem, se bem que encontram-se no meio de tudo, alguns que se compadecem da misera situação d'aquelles desditosos marujos!

Este facto em si conhecido, exige a immediata collocação de um pharol apropriado áquellas costas, que faça desviar d'aquelles fragosos recifes, os navios que por ali passam constantemente, — e desaparecer, de

vez, semelhante tendencia d'este povo que, em occasiões taes, manifesta desgrãçadamente a sua desenfreada desmoralisação, praticando actos indecorosos e eutregando-se, algumas vezes, à ociosidade durante o goso de tão illicitos quão ephémeros porventos, auferidos muitas vezes — senão sempre, com risco da sua propria vida!...

Triste!... Tristissimo quadro!!

\*  
Já em datas mais remotas houve — ao que parece — outros diversos e importantes naufragios n'aquellas costas, de que infelizmente não podemos — até hoje — encontrar dados seguros que possam preencher a nossa curiosidade, comquanto conheçamos o celebre «Hartwell» que veio nos fins do seculo passado, dar nome aos perigosos recifes, conhecidos geralmente por — «Rifinho» e «Rifona» — onde os naufragios têm sido mais frequentes.

\*  
Antes porém, de rematarmos este succinto esboço, convém, para complemento da nossa missão consignar aqui que já em 1863-1864, o Governo da Metropole pedira informações ao Governo provincial a respeito do modo pratico de levar a effeito a collocação de um pharol no ilheu «Hollandez» d'esta ilha, tendo depois havido communicação de que ia ser encomendado um apropriado para aquelle fim (P. R. n.º 240 de 15 dez. 1863 — B. n.º 3, 1864 e P. R. n.º 79, de 12 de abril 1864 — B. n.º 16).

\*  
Foi quando, então, o fallecido patrão-môr d'esta ilha sr. Lourenço J. Vieira, 2.º tenente honorario da armada, estudou o assumpto por ordem superior — e, com os esclarecimentos obtidos e depois submettidos ao Governo por esse distincto official nautico — se fez, n'aquella data, a encomenda do dito pharol, que até hoje estamos por vêr collocado!...

D'ahi se depreheende que se n'aquella occasião (ha 35 annos) tão útil ideia tivesse sido levada a effeito, ter-se-hia, de certo, evitado n'aquellas costas o naufragio de 17 navios e 38 victimas!!...

\*  
Perguntamos agora: quantos pharoes e pharolins têm sido montados, com muito menos utilidade, em diversos pontos do archipelago, depois do que vimos de referir?

A direcção das obras publicas que o diga.

\*  
Ora muito bem. — Se o governo de então não tivesse deixado cahir em profundo olvido esse melhoramento de reconhecida necessidade, — se se tivesse aproveitado d'aquellas proficuas ideias em tão azada occasião, por certo que hoje estaríamos vendo transformados em realidade os ditos pensamentos d'aquelle tempo.

\*  
Ao actual Governador Conselheiro Lacerda que varios melhoramentos tem sabido introduzir n'esta provincia, já por duas vezes confiada á sua sabia administração, imploramos agora a sua valiosa interferencia para a breve realisacão d'aquella projectada obra, de ha muito reclamada em prol da navegacão, assaz prejudicada pelas correntes e varios cachopos e escolhos que rodeiam aquellas costas, os quaes por sua grandeza e perigo que perto d'elles correm os navios, — andam assignalados nas cartas maritimas.

Boa Vista.

SEVERO A. FORTES.

## MISSIONARIOS

Grandes homens! Apostolos heroicos!

Castro Alves.

O surdo movimento das nações, umas contra as outras, tem-as collocado na bemdita resolução de cuidarem da civilisação das suas colonias. Parece que preparam asylo para os calamitosos dias, que horrorisam a nossa vista no formidavel kaleidoscopio de *amanhã*. E permita Deus que nos enganemos!...

Pertencem ao grupo de *civilisadoras* aquellas que no actual momento politico batem se como centauros no campo das grandes competencias.

A Russia propõe pela bôcca do seu autocrata o desarmamento geral, e vomita sobre as margens do Amour, d'um lado, e d'outro sobre as fronteiras do Afghanistan, legiões pavorosas de soldados. A Inglaterra proclama as vantagens da paz para a livre respiraçãõ do commercio, e vae preparando alluviões de couraçados para segurar o Egypto, disputar o Extremo-Oriente no tremendissimo pugilato das nações e abraçar-se á sua filha renegada não sei para que angelico ou diabolico fim. A França, generosa tanta vez, arma-se até aos dentes e espreita no seu egoismo d'agora os morticínios de Candia e o succumbir incoherente da Grecia pelo prisma da indifferença, quem sabe? e invocando a mesma paz puica prepara-se para a *revanche*. A Allemanha apregôa a redempção litterario-cientifica e enverga as vestes de Pallas. A Italia passa da usurpação infame do poder temporal do Summo Pontifice á queda de Adduab. Insulta o Vigario de Deus e vae cahir aos pés do negus Menelik. E, todavia, em meio de tanta miseria cria no seu pobre seio uma esquadra monumental. A America, o paiz d'hontem e a nação d'amanhã, debuta terrivelmente na ultima e tão calamitosa guerra. E mostra ao mundo enganado, que os seus canhões são poderosos e os seus soldados valerosos.

Assim as nações fortes vão procurando impôr sua vontade ás mais fracas e ainda aquellas a que se pôde chamar fracas. Todas voltam suas vistas cubiçosas para o Continente Negro.

A Africa, a nossa querida terra, é para ellas um iman de proporções gigantescas. Não a procuram, porém, pelo seu amor, d'ellas, á civilisação. Os nossos terrenos feracissimos, os nossos diamantes, o nosso ouro, etc, conjugados com o *amanhã*, isso é que faz com que nos namorem, isso é que as traz ao nosso seio. Como, porém, não podem entrar-nos em casa sem a civilisação europêa (fallo da Africa Continental) e é preciso estabelecê-la para que haja progresso, é claro que temos, a esta parte, muito que lucrar.

Das nações mencionadas atraz, a Inglaterra é apontada como modelo na questãõ de saber colonisar. Dizem os entendidos, que as suas possessões são realmente modêls no genero.

A França e a Allemanha, mas primeiro a Hollanda, seguem-a de um pouco longe. A civilisação labora activamente nas colonias d'essas nações. O Hindustão, o Cabo, a Algeria e tantas outras possessões já na Asia, já na Africa e já n'outros pontos estão a confirmá-lo. Aqui cidades florescentes, acolá terrenos bem cultivados, mais além um regimen a proposito formam uma forte base a futuras gerações.

Estãmos d'aquí a vêr, porém, com muita pena, que a grande raça ingleza vae espalhando nas suas, e o peor é que tambem nas nossas colonias, as doutrinas utheranas, enquanto dormem criminosamente na in-

diferença aquelles povos mesmos que, como os portuguezes, deveram à cruz catholica as suas dilatadas conquistas, as suas não sonhadas navegações, as suas singulares victorias, e os dias do seu maior esplendor.

Portugal tem Guiné, tem Angola, S. Thomé e Príncipe, e deve ter Lourenço Marques... Ha tanto tempo já, porém, que estes pedaços da Africa estão em seu poder, que era de se esperar que estivessem hoje mais adiantados em civilisação.

Vae-se a Angola, por exemplo, onde já estive. E' pena ver o pobre indigena abandonado a si mesmo, na profunda estupidez primitiva. O alcool dos commerciantes é o seu alimento principal; e o seu estado social (é preciso dizel-o bem alto) é a escravidão. Porque a escravatura, a palavra infame, a ideia-anathema, foi apagada dos codigos: mas, para vergonha e maldição dos que a exercem, existe ainda!

E todas essas cousas passam no seio de paizes patrocinados por nações cultas, que, como puderam impôr-lhes seu jugo, devem, em compensação, tambem crear-lhes, ao menos, um futuro.

Emquanto, porém, a sagaz Carthago dos tempos modernos prepara as vias do seu *amanhã* e espreita dos seus rochedos as possessões lusas, Portugal, ou na mais criminosa indiferença ou na mais requintada má fé, esquece-se de *nacionalisar* o seu grande patrimonio ultramarino!

Basta d'indiferença. Ouço o clangor das ferragens de Argos. E' urgente, que o Governo Portuguez se deixe de avarezas (que em outras tantas coisas são prodigalidades) e abra mão do seu criminoso olvidar.

A Africa Portugueza está toda ella clamando por Missões Catholicas. Revista-se o Governo de coragem, ponha de parte as suggestões dos inimigos da Fé dos nossos Avós, e mande-nos missionarios. Missionarios para Cabo Verde (vêde bem!), para a Guiné, para Angola, para S. Thomé e Príncipe e para Lourenço Marques. Missionarios hoje, missionarios amanhã, missionarios sempre, até que o Christianismo tenha derramado a sua divina influencia sobre aquelles que, a não succeder assim, serão amanhã lutheranos, isto é outros tantos inimigos de Portugal. E' certo. E haverá quem se atreva a negal-o? *Quem o não pensou ainda?*

Deve o Governo primeiramente organizar as Missões. As recompensas e os subsidios devem ser distribuidos com larga munificencia, e a protecção dispensada com firmeza.

Crie o Governo a esses soldados de Christo privilegios e regalias compatíveis com a boa justiça e verã depois o resultado que ha-de tirar. Eu bem sei, que muitos guerrêam essas pias instituições, que nada menos são que as cruzadas dos nossos dias. E' preciso, porém, muito cynismo para hostilisar esses heroes, que se embrenham nos sertões ferozes para ganharem almas para Deus, atravez de perigos indiscriptíveis, doenças, fomes, miserias — tendo por unica arma a cruz do Redemptor, por unico incentivo a constancia e a fé dos Martyres e por unico fim a civilisação dos selvagens e a salvação das almas. Os que assim pensam esquecem-se, porém, da Historia. Se as Americas estão hoje civilisadas, foi pelas Missões, foi pelos jesuitas que isto se conseguiu. — *Historia, testis temporum.*

Não se pôde duvidar de homens, que vão dara climas longinguos e inhospitos a prégar o Evangelho, privados do affecto da familia, do convivio civilisado, das commodidades *du grand monde*, aqui retidos, ali massacrados, mais além devorados, sem mais recompensa que a pobreza, sem mais estimulo que o desprezo da patria, sem mais esperança que a morte!

E d'ahi, quantos não voltam com a saude arruinada para sempre! E, todavia, é possível que haja quem hostilise as Missões, quem odie esses Apostolos heroicos!

O Governo, porém, attenda ao bom resultado que as Missões estão dando actualmente e volte para ellas toda a sua attenção, por muitas razões, sendo duas as principaes: Uma, porque é catholico e compete-lhe por dever sagrado a dilatação da Fé; outra, porque é portuguez e cumpre-lhe do mesmo modo nacionalisar e civilisar as possessões, que a Providencia collocou nas suas mãos.

A futuro da Africa depende de dois motores principaes, e, em principio, unicos: as Missões (organizadas como devem ser) e o commercio. A acção das primeiras é, porém, directa e pura, emquanto que o segundo obra de modo material e portanto indirecto; e muitas vezes com prejuizo dos pobres selvagens. Já atraz nos referimos ao alcool. Ora, civilisar pelo alcool é degradar, é viciar, é embriagar; não é civilisar. Não se pôde, porém, negar a influencia dos mercadores na civilisação negra. O contrario fóra um erro grave.

\* \* \*

Civilise Portugal a sua Africa e explore juntamente os seus vastos e ricos territorios, aproveitando-os devidamente, e verão os portuguezes que as finanças do paiz hão de entrar em bom caminho. Realisar-se-ha a emancipação do thesouro.

Tarde poderá isto acontecer, mas é possível.

O primeiro passo é civilisar esses riquissimos territorios. E para civilisal-os são indispensaveis os *missionarios*.

JOSÉ LOPES DA SILVA.

## HORAS SOMBRIAS

(Prefacio)

Horas sombrias de cruéis torturas,  
dispersas através do meu viver,  
dizei-me que ventura, que prazer,  
compensar pôde ás vossas amarguras?...

Dos prantos de minh'alma, as gotas puras  
vasae em uma taça, até encher!  
custosa como aquella que a beber  
enviaram a Jesus, nas provas duras!...

Depois, quando a materia inanimada  
minh'alma n'algum dia abandonar,  
subindo ás altas regiões do nada:

A taça, horas fataes, dai-lhe a levar!  
que parte d'alma foi, parte sagrada...  
e vá com ella a Deus se ajoelhar!

Paul, Cabo Verde.

JANUARIO LEITE.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e muito agradecemos, as seguintes:

*O Ultramarino*—*A Tradição*—*Ideal da Bairrada*—*A Saude*—*A Verdade*—*O Districto de Faro*—*O Progressista*—*A Arte*—*O Charadista Portuense*—*Portugal em Africa*—*O Collegio*—*O Passatempo*—*Voz de Santo Antonio*—*Revista Branca*—*A Aurora do Cavado*—*Jornal das creanças*—*O Mundo Legal e Judiciario*